

# Prelados e indígenas

Dom Eugenio Sales

É oportuno iluminar a posição da Igreja na questão dos indígenas. Ela foi a voz decisiva em favor desses irmãos

Os temas históricos oferecem aos adversários da Igreja de Cristo um material que é habilmente usado. A instituição fundada por Jesus, a sua própria estrutura, é divina mas composta de homens pecadores. Embora devam sempre buscar a santidade de vida,

os relatos de sua passagem pelo mundo guardam as marcas das limitações. Em uma visão retrospectiva, as gerações atuais costumam julgar os antepassados à luz da mentalidade presente, cometendo assim graves injustiças. Sem dúvida, em decorrência do progresso, devemos dar apoio a tudo o que contribui para o aperfeiçoamento do modo de agir dos homens. E, assim, se opera um constante aperfeiçoamento. O estudo do passado pode ser de grande utilidade para o presente e, quando feito sem a devida cautela, conduzir a erros na avaliação. Essas considerações explicam a preferência de anticlericais pelo ensino da História, como oportunidade de atacarem a Igreja de Deus.

Tal manipulação da verdade do passado para atingir a comunidade eclesial recebe, infelizmente, boa acolhida em alguns. Difundem acusações contra o extraordinário trabalho na evangelização de nossos índios. Assim, parece-me oportuno enfocar alguma luz sobre o tema. Trago a público o procedimento dos primeiros dirigentes de nossa arquidiocese e o comportamento dos mesmos, em relação aos indígenas, na origem da colonização do Brasil.

Sem lançar mão do extraordinário patrimônio do magistério petrino em favor dos índios, merece uma reflexão o modo de agir dos prelados do Rio de Janeiro após o desmembramento da diocese de São Salvador da Bahia e antes da chegada do primeiro bispo que, aliás, fez frutificar sobremodo o trabalho evangelizador. É oportuno iluminar a posição desta circunscrição eclesial sobre o assunto, pois hoje, ao abordar a questão do indígena, cometem erros crassos. Isso ocorre por desconhecimento histórico da atitude da Igreja entre nós. Aliás, ela foi a voz decidida em favor desses irmãos desfavorecidos.

O primeiro prelado, padre licenciado, Bartolomeu Simões Pereira, foi nomeado pelo alvará régio de 11 de maio

de 1557. O clero era composto de sacerdotes seculares nas vilas e por jesuítas nos seus colégios. Estes estavam localizados no Rio de Janeiro, em São Paulo e São Vicente, o último transferido depois para Santos. Havia também residências da Companhia de Jesus no Espírito Santo, no Rio de Janeiro e, em estado precário, em Porto Seguro. Exerciam a catequese em aldeias, nos arredores. Dedicavam-se à cura das almas em outras localidades, ajudando os párocos.

O prelado colocou-se firmemente ao lado dos jesuítas, como acérrimo defensor dos índios. Amigo do padre José de Anchieta, que lhe dedicou a poesia "Aonde vais tão apressado, periquito tangedor?", pela prontidão do prelado em atender as necessidades pastorais. Opôs-se tenazmente à escravidão dos silvícolas. Em consequência, foi duramente perseguido. Retirou-se para a Capitania do Espírito Santo, onde morreu, talvez envenenado.

O segundo prelado, padre doutor João da Costa, nomeado em fins de 1603, foi vítima de calúnia, levantada por escravocratas. Estes, com o apoio de comerciantes e autoridades, tentavam neutralizar a ação enérgica do novo administrador. A firmeza na defesa dos índios custou-lhe muitos sofrimentos.

O terceiro prelado do Rio de Janeiro foi o padre doutor Mateus da

Costa. Nomeado a 24 de janeiro de 1606, confirmou, como administrador, a fama de prelado ativo e zeloso com o clero e os fiéis. Contou com a colaboração estreita de alguns padres, fazendo cumprir à risca a disciplina eclesial. Manifestou essa firmeza nas visitas pastorais. Criou paróquias e curatos, além de fundar alguns conventos. Defendeu os índios, atacou o tráfico escravagista e com isso, muito sofreu. Teve a honra de presidir o "Processo Informativo Diocesano" da Causa de Beatificação do Padre Anchieta.

O padre doutor Lourenço de Mendonça foi nomeado por carta régia de 1631 administrador do Rio de Janeiro. Em seu rico *curriculum vitae* inclui-se, com destaque, o aguçado senso de justiça na defesa dos humildes, ainda quando visitador da Província do Sul. Chegou em 1625 ao Paraguai, colocando-se sempre ao lado dos índios. Não hesitou em denunciar os bandeirantes paulistas, por seus atos barbárescos, em detrimento das Missões de Guaíra. Foi nomeado primeiro bispo do Rio de Janeiro.

A Diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro foi desmembrada da Arquidiocese de São Salvador da Bahia pela bula pontifícia de ereção "Romani Pontificis Pastoralis Sollicitudo", de 16 de novembro de 1676. Seu imenso território, cujos limites vinham desde o Rio Jequitinhonha, ao Norte, até o estuário do Prata, no Sul, ao longo do litoral do Oceano Atlântico a Leste e, a Oeste, as "terras desconhecidas", deu, até nossos dias, origem a 160 outras circunscrições eclesialísticas. Trata-se de um tronco fecundo.

Essas rápidas pinceladas sobre o período inicial, confiando a prelados sem o caráter episcopal, são como um simples balbuciar do imenso bem realizado pela Igreja, expondo-se a grandes dificuldades, em favor dos índios e necessitados, mesmo com risco de vida de seus filhos. O heróico comportamento foi seguido por muitos bispos do Rio de Janeiro e de tantas outras dioceses, em tempos posteriores. Na preparação do V Centenário do Novo Mundo, João Paulo II prestou sua homenagem "aos religiosos que vieram anunciar Cristo Salvador, defender a dignidade dos indígenas" (Carta Apostólica aos Religiosos da América Latina, 29 de junho de 1990, n° 5). Louvemos esses heróis de nossa fé.

Voltarei ao assunto.

